

TRADUZINDO *MEMORIAL DE AIRES* DE MACHADO DE ASSIS PARA O ALEMÃO E O INGLÊS: OS PARATEXTOS

Válmi Hatje-Faggion
Universidade de Brasília

Resumo: A obra de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) já foi traduzida para diversas línguas e publicada em diversos formatos. Este artigo examina os paratextos presentes nas traduções da obra *Memorial de Aires* (1908) do português para o inglês e para o alemão. Será realizada uma análise descritiva de duas traduções para o inglês — Caldwell, *Counselor Ayres' Memorial* (1972) e Scott-Buccleuch, *The Wager: Aires' Journal* (1990) —, e de uma para o alemão — Zilly, *Tagebuch des Abschieds* (2009) —, para investigar o papel dos tradutores, seus projetos tradutórios e o impacto para o novo leitor. Os três tradutores tendem a escolher paratextos semelhantes e revelam um cenário positivo em relação ao texto traduzido e ao escritor brasileiro.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, *Memorial de Aires*, Machado de Assis, Paratextos, Tradutor.

Abstract: The work of Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) has already been translated into several languages and published in various formats. This article analyses the paratexts in the English and German translations of Machado de Assis *Memorial de Aires* (1908). A descriptive analysis is carried out of the two corresponding translations into English — Caldwell, *Counselor Ayres' Memorial* (1972) and Scott-Buccleuch, *The Wager: Aires' Journal* (1990) — and a German translation — Zilly, *Tagebuch des Abschieds* (2009) —, to examine the role of translators, their translation projects and their impact on new readers. The three translators tend to select similar paratexts and show a positive reception of the translated text and the Brazilian writer.

Keywords: Translation Studies, *Memorial de Aires*, Machado de Assis, Paratexts, Translator.

Introdução

Para alargar as avenidas que o levam a praças literárias internacionais, Machado de Assis tem o auxílio de diversos agentes do campo literário, a exemplo dos tradutores. Em várias línguas de diferentes países, a obra do escritor brasileiro vem sendo traduzida há várias décadas (Hatje-Faggion, 2015; 2023; 2024).

Para o inglês, os romances desse autor vêm sendo traduzidos e publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra desde a década de 1950 e muitos já receberam várias (re)traduções. Nesse período, também começam a aparecer as traduções para o alemão na Suíça (1950) e na Alemanha (1967) com (re)traduções em alguns casos.

Neste artigo, o objetivo é abordar o romance *Memorial de Aires* (MA), de 1908, de Machado de Assis e traduções para o inglês e o alemão, a fim de analisar os paratextos presentes nessas traduções. Será realizada uma análise descritiva de duas traduções para o inglês, a de Caldwell, *Counselor Ayres' Memorial* (University of California press, Berkeley, Los Angeles, 1972) e a de Scott-Buccleuch, *The Wager: Aires' Journal* (Peter Owen, Londres, 1990), e de uma para o alemão, a de Zilly, *Tagebuch des Abschieds* (Friedenauer Presse, Berlin, 2009), com o objetivo de investigar o impacto das escolhas tradutórias para o novo leitor. Essas traduções serão comparadas com a versão em português e, em seguida, entre si.

Diferentes práticas editoriais, que incluem os textos que circulam juntamente com o texto traduzido (paratextos), podem revelar dados importantes para a tradução, a promoção e a disseminação de uma obra. A introdução, o prefácio, o posfácio do tradutor e as notas podem evidenciar informações referentes à seleção do autor, da obra a ser traduzida (critérios), aos tradutores (quem são, se são conhecidos, premiados), à publicação (editora, patrocinador) e ao ato/processo tradutório (estratégias, escolhas).

Gerard Genette (1997) apresenta dois tipos de paratexto: o peritexto e o epitexto. O peritexto acompanha o texto (capa, contracapa, prefácio, posfácio, glossário, notas de rodapé) e o epitexto aparece em outra instância para tratar do texto (publicidade, comentários da crítica, estudos críticos).

Na área dos Estudos da Tradução, segundo Frías e Vilariño,

[...] a concepção e regulação de sentido de dado texto publicado em papel ou em tela varia em função dos seus paratextos, isto é, em função de um determinado conjunto de unidades verbais, simbólicas, entidades de imagem-texto ou diferentes produções materiais que, ao mesmo tempo que apresentam e introduzem o texto, dentro do espaço material do texto, o rodeiam, envolvem ou acompanham (os peritextos) e, fora

do espaço material do texto, lhe fazem referência, prolongando-o em outros espaços físicos e sociais externos de modo ilimitado (os epitextos). (12-13)¹

Fontes diversas, digitais ou não digitais (Freeth, Frías-Vilariño, Munday), que incluem dados sobre a vida dos tradutores, do percurso tradutório, arquivos de dados, texto traduzido, estudos, textos e entrevistas de tradutores, podem contribuir para a constituição de uma história da tradução e dos tradutores.

Para Caroline Summers, “autoridades discursivas, como editoras, editores, revisores e leitores, agem como espelhos (deformadores) da função-autor, selecionando o material para publicação e o apresentando para os leitores” (11). Esses agentes detêm, pois, certo poder na promoção de dada literatura traduzida em novo sistema cultural e podem, ou não, cancelar determinado autor e obra. Fatores ideológicos, geopolíticos e a posição dos agentes e das obras literárias no sistema literário de chegada irão determinar a estrutura e o conteúdo dos paratextos para gerar certas percepções nos leitores da cultura de chegada.

O tradutor desempenha papel importante nesse percurso tradutório. Segundo Kathryn Batchelor (2018 32), se os peritextos forem elaborados pelo tradutor, podem evidenciar as opiniões do tradutor sobre o autor, a obra e a cultura de partida, o que, por sua vez, pode influenciar o leitor. Esses peritextos também podem funcionar como espaço de reflexão da tradução, se tiverem notas e comentários sobre as escolhas do tradutor, e auxiliar no mapeamento das escolhas tradutórias, que podem oferecer dados sobre literatura que diferentes culturas empregam para fomentar obras traduzidas.

Nessa perspectiva, a tradução de uma obra é moldada enquanto processo de reescritura e transferência sociocultural (Lefevere, 1992). No caso presente, dois dos 3 tradutores tratam das dificuldades de traduzir *Memorial de Aires*, Scott-Buccleuch (inglês) e Zilly (alemão), mas, principalmente, Zilly, em espaços diversos (2009; 2013; 2023) digitais ou não digitais (Freeth, Munday).

As diferentes traduções de uma mesma obra literária clássica para línguas diversas podem trazer ao novo leitor várias perspectivas sobre o texto de partida ofertadas pelos diferentes tradutores, podendo o leitor apreender melhor a essência da obra (von Humboldt, 55-59). Assim, o novo leitor, talvez multilíngue, pode conhecer melhor a obra por meio de traduções para múltiplas línguas (ao

¹ José Yuste Frías, Xoan Manuel Garrido Vilariño (orgs). *Traducción & Paratraducción. Líneas de investigación*. Berlin, Peter Lang, 2022. Original: “[...] la concepción y regulación de sentido de cualquier texto editado en papel o en pantalla varía en función de sus paratextos, es decir, en función de un determinado conjunto de unidades verbales, icónicas, entidades icónicas textuales o diferentes producciones materiales que al mismo tiempo que presentan e introducen el texto, dentro del espacio material del texto, lo rodean, lo envuelven lo acompañan (los peritextos) y, fuera del espacio material del texto, hacen referencia a él prolongándolo en otros espacios externos físicos y sociales virtualmente ilimitados (los epitextos)”. Tradução minha.

invés de apenas para uma mesma língua) e ter também o benefício das retraduições (como o caso do inglês).

***Memorial de Aires* (1908) e as suas traduções para o inglês e o alemão**

Memorial de Aires (MA), de 1908, é o último dos 9 romances de Machado de Assis, que foi publicado pela Garnier. É a única obra do escritor em formato de diário e está dividido em duas partes — 1888 (ano da abolição da escravização no Brasil) e 1889 (transição de Império para República; Proclamação da República), com 172 entradas.

O narrador-autor-personagem, Conselheiro Aires, é associado ao próprio Machado de Assis. Já na Advertência (o prefácio) para MA, há as iniciais M. de A. (outro narrador fictício do romance), as quais correspondem às do nome do escritor. Sobre a origem e a composição do romance, o narrador/escritor informa que este está vinculado ao seu romance anterior — *Esau e Jacó*. Essa Advertência é mantida nas 3 traduções. A narrativa centra-se em Fidelia, jovem viúva, e Tristão, seu novo marido. O romance aborda temas universais, a exemplo de vida, morte, amor, família, solidão, saudade e envelhecimento, além de temas históricos, sociais e políticos do contexto brasileiro oitocentista.

Inicialmente, MA foi traduzido para o inglês, em 1972, por Helen Caldwell e publicado nos Estados Unidos e na Inglaterra pela University California press. A edição de 1982 será comentada aqui. Em 1990, foi traduzido por Robert Scott-Bucleuch e publicado na Inglaterra pela editora independente Peter Owen. Depois, em 2005, essa tradução foi publicada em nova edição (nova capa, mas com o mesmo tradutor e mais uma editora), nos Estados Unidos, pela Peter Owen e Dufours. A primeira e única tradução da obra para o alemão se deu em 2008, ano do centenário da publicação da obra e da morte de Machado de Assis, devido à iniciativa da dona da editora Friedenauer Presse (Schossler), Katharina Wagenbach-Wolff, grande apreciadora de Machado do Assis.

As 3 traduções não apresentam informações sobre os tradutores e, por isso, não dá visibilidade e importância ao relevante trabalho do tradutor de apresentar o romance MA em alemão e inglês. Os 3 tradutores são professores ligados a universidades — Caldwell à UCLA (University of California), Estados Unidos; Scott-Bucleuch à Universidade de Brasília, Brasil, e ao Conselho Britânico no Brasil e na Argentina; e Zilly, à Freie Universität Berlin, Alemanha, e no Brasil à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Ceará (UFC), Academia Brasileira de Letras (ABL). Além de MA, Caldwell traduziu outras obras de Machado de Assis para o inglês — *Dom Casmurro*, *Helena*, *Esau e Jacó* e contos (coletânea em parceria com William L. Grossman). Scott-Bucleuch

traduziu *Iaiá Garcia*, *Dom Casmurro* (tradução em que, em sua primeira edição, se omitiu 9 capítulos, Peter Owen, 1990 e Penguin Classics, 1992). Zilly é o único que traduziu apenas uma obra de Machado de Assis. Todos os tradutores já tinham traduzido outras obras da literatura brasileira e mantiveram laços com o Brasil em épocas diversas. Caldwell visitou em 1940, Scott-Buccleuch residiu e trabalhou na Universidade de Brasília, onde, nos anos de 1960, fundou o atual Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e Zilly esteve no Brasil nos anos de 1970 na UFC e, atualmente, reside no Brasil, e é correspondente literário da ABL. Os 3 tradutores também publicaram estudos sobre obras ou traduções de obras de Machado de Assis, além de terem recebido prêmios relevantes no Brasil e no exterior.

As 3 traduções apresentam na capa o título do livro apenas parte do nome do autor (Machado de Assis), omitindo sempre Joaquim Maria. Na folha de rosto das traduções, todas são apresentadas ao novo leitor como tradução do português e trazem o nome dos tradutores. Apenas a tradução de Caldwell e Scott-Buccleuch anunciam a introdução dos tradutores. Somente a tradução para o alemão é apresentada como romance (*Roman*) na faixa avulsa que vem junto com o livro (envolvendo a capa e a contracapa), o que é relevante pela estrutura da narrativa (diário), a qual nem sempre é vista de forma positiva entre os tradutores e críticos — por exemplo, Scott-Buccleuch destaca que MA é o romance menos lido e que isso se deve ao formato de diário, que pode não agradar aos leitores de língua inglesa. Scott-Buccleuch comenta que esta obra é um desafio para um tradutor, por vezes, desesperado.

A configuração editorial das 3 obras traduzidas de MA inclui a introdução da tradutora (Caldwell, 1982), a introdução do tradutor (Scott-Buccleuch, 1990), o posfácio do tradutor (Zilly, 2009), as notas de rodapé do tradutor (Scott-Buccleuch, 1990) e as notas do tradutor ao final do livro traduzido (Zilly, 2009). Conforme Thomas Sträter (2019), na obra traduzida para o alemão, não há evidências concretas de que Zilly seja o autor dessas notas e do posfácio. Como Zilly não assina o posfácio (diferentemente de Caldwell e Scott-Buccleuch), essa lacuna implica a invisibilidade do tradutor e do elaborador dos peritextos. Entretanto, em entrevista concedida a Válmi Hatje-Faggion (2023), Zilly esclarece que ele é o autor desses peritextos. Além desses peritextos, há ainda o conteúdo da capa e da contracapa das traduções que inclui comentários da recepção crítica e das editoras.

A introdução de Caldwell (inglês) e a de Scott-Buccleuch (inglês) assemelham-se em tamanho — 4 e 5 páginas — e diferem do posfácio de Zilly (alemão) — 12 páginas. Nesses peritextos, os 3 tradutores abordam aspectos biográficos e a obra de Machado de Assis, particularmente, o MA no ambiente sociopolítico brasileiro oitocentista. Todos destacam aspectos históricos relevantes para a

compreensão da obra e comparam a obra com a de autores europeus. Caldwell (Catullus), Scott-Buccleuch (Elgar, Sterne, J. Austen, Fielding) e Zilly (Theodor Fontane). Comentam a estrutura da narrativa, o formato de diário, que pode não agradar a todo leitor. Zilly (2009), em seu posfácio, acrescenta uma nota de rodapé para esclarecer uma estratégia tradutória sobre tradução de uso de discurso indireto que requer o uso do subjuntivo/*Konjuntiv I* em alemão, para manter o caráter de dúvida, de incerteza do narrador (227). Esse comentário do tradutor sobre sua escolha funciona como espaço de autorreflexão da tradução (Batchelor). Esse posfácio foi traduzido do alemão para o português e publicado na Revista *Scientia Translationis* (2013), de acesso aberto, *on-line* (Freeth, Frías-Vilarino), constituindo-se em um paratexto (epitexto) da obra traduzida (o que ajuda a promover e ampliar a disseminação da obra e do autor), com 6 notas de rodapé (5 a mais do que na publicação original), sendo 3 notas sobre questões de tradução referentes à obra MA (como, por exemplo, o título (266), nota 2).

Zilly (2023) também aborda questões de tradução em seu livro sobre *MA*: tradução do título (86, 90, 92); tradução de palavras como graça (178), conselheiro (152) e saudade (192). Novamente, Zilly reflete sobre o ato tradutório bem como suas escolhas e estratégias. Os tradutores desempenham funções diversas, de tradutor da obra, de elaborador de prefácio, posfácio e de notas (de rodapé, Scott-Buccleuch e de final de livro, Zilly), inscrevendo-se, materializando-se na obra traduzida e, ainda, fora dela. Atuam como críticos da obra de partida e da obra de chegada (tradução), chancelando positivamente a obra para o novo leitor. A tradução integra a importante coleção Winterbuch da editora alemã.

Com relação ao acréscimo de paratextos em forma de notas ao texto traduzido, as ocorrências variam de 0 a 136. Caldwell é a única dos 3 tradutores que não adiciona notas. Scott-Buccleuch acrescenta 3 notas de rodapé, já Zilly, 136 notas ao final do livro (17 páginas). Scott-Buccleuch (42) faz uma nota para “Tiradentes”, e, nas outras duas, traz informações sobre escritores de Portugal (158) e (156). Zilly (2009) também explicita alusões literárias a escritores portugueses (219). Além dessas notas, Zilly elabora outras notas para esclarecer ao novo leitor questões relativas a aspectos históricos, políticos sociais bem como a topônimos (pontos turísticos com atualização atuais por meio do uso de palavras como *damals*/então e *heute*/hoje). Ademais, Zilly elabora notas para alusões literárias a escritores europeus (de europeus para europeus), como Shakespeare, Shelley, Dante e Heine (Guimaraes, 2018), e explica diversos aspectos socioculturais brasileiros, como significado de títulos da nobreza (204), título de doutor (207), locais geográficos relevantes no Rio de Janeiro (209), nome de instituições públicas (205) e (208) e fatos históricos (211)

Os tradutores transcrevem, em português, marcas culturais do Brasil no texto traduzido. Caldwell, Scott-Buccleuch (inglês) e Zilly (alemão) tendem a deixar palavras do português em seus textos traduzidos, indicando para o novo leitor que o que está sendo lido não é um texto originalmente escrito em inglês ou alemão. Já a voz de Caldwell não aparece para adicionar notas para o leitor estadunidense e a sua ausência é sentida, uma vez que ela pode ser rastreada linguisticamente por deixar palavras estrangeiras no texto traduzido. A voz da tradutora manifesta-se pela sua ausência, já que é esperada pelo novo leitor (Hermans, 1996; Hatje-Faggion, 2017) para maiores esclarecimentos.

Em MA, 30 de junho, 1888, Caldwell, para traduzir mucamas e moleques (Machado de Assis, 51), opta por transcrever “*mucamas and moleques*” (67), sem adicionar nota explicativa. Scott-Buccleuch (61) escolhe palavras inglesas “*slave women and the urchins*” [mulheres escravas e os moleques]. Zilly transcreve “*mucamas und moleques*” (70)² e adiciona uma nota ao final do livro:

Mucamas e moleques — escravos que serviam desde crianças na casa do senhor/proprietário. A mucama adolescente tornava-se uma espécie de criada da senhora da casa, ocasionalmente ama dos filhos desta e, por vezes, também concubina do senhor da casa; o moleque era companheiro de brincadeiras dos filhos dos senhores e, com o avançar da idade, um criado versátil; moleque também era um palavrão no sentido de menino travesso, menino de rua. (212)

Zilly explicita para o leitor alemão a função desempenhada pela mucama e pelo moleque no contexto brasileiro oitocentista.

Em MA, 10 de fevereiro, 1888, para traduzir fazenda/fazendeiro (29-30), Caldwell escolhe palavras do inglês, *plantation planter*/ [plantação/ proprietário] (34-35), sem explicações. Já Scott-Buccleuch opta por manter uma palavra em português e traduzir outra: fazenda/*Baron*/[Barão] (34-35). Zilly (35) prefere transcrever as duas palavras, fazenda/fazendeiro e é o único dos 3 tradutores a adicionar uma nota com explicações sobre o vocábulo (208).

Em MA, 31 de agosto, 1888, para traduzir a referência à dona da fazenda, Nanhã Fidélia/*Nhanhã Fidelia*/Dona Fidelia/junge Herrin — respectivamente, Caldwell (90), Buccleuch (80), Zilly (93), Caldwell opta por transcrever a palavra, em itálico, enquanto Scott-Buccleuch a substitui por Dona; os 2 tradutores para o inglês removem o acento agudo no nome próprio; já Zilly (2009) prefere palavras em alemão e omite o nome próprio, eliminado traços socioculturais brasileiros; o tradutor acrescenta a nota no final do livro para explicar o uso específico da forma de tratamento pelos escravos

² Berthold Zilly. Anmerkungen/Notas. In: J. M. Machado de Assis. *Tagebuch des Abschieds* [Memorial de Aires]. Tradução de Berthold Zilly. Berlin, Friedenauer, 2009, p. 203-219. Original: *Mucamas und moleques — Sklaven, die von Kind auf im Haus des Gutsberrn dienten. Die heranwachsende mucama wurde eine Art Zofe der Hausberrin, gelegentlich Amme von deren Kindern, mitunter auch Konkubine des Hausberrn; der moleque war Spielgefährte der Herrenkinder, mit zunehmendem Alter ein vielseitig einsetzbarer Diensthote; moleque auch Schimpfwort im sinne von Lausejunge, Strassenjunge.* (Zilly, 212). Tradução minha.

(214), o que pode ser um problema, já que nem todo leitor vai acessar as notas de final do livro, até porque elas não são anunciadas em nenhum lugar no livro traduzido.

Em MA, 15 de abril, 1889, para traduzir 2 ocorrências de outra palavra que se refere à dona da fazenda — *sinhá-moça* —, os tradutores optam por palavras em inglês e alemão. Caldwell escolhe “young missy” (179), entre aspas, mas sem aspas na segunda ocorrência. Scott-Buccleuch (152) opta por *young mistress* nas duas ocorrências. Zilly, escolhe *jungen Herrin* e *jungen Herrin* (em itálico na segunda ocasião) (184-185); note-se que Zilly, conforme mencionado, adicionou para a ocorrência (93) uma nota no final do livro (214), que vale também para esta situação.

Em MA, 5 de fevereiro, 1888, para traduzir a unidade monetária contos, os 3 tradutores transcrevem a palavra. Zilly é o único a adicionar uma nota de 8 linhas explicando o valor da moeda e sua correspondência em ouro, salário para brasileiros e estrangeiros imigrantes, e preço para comercialização de escravos (207).

Em MA, 10 de fevereiro, 1888, a palavra “Corte” (Machado de Assis, 30) é traduzida de modo diferente. Enquanto Caldwell transcreve a palavra e a deixa em itálico, *Corte* (33), Scott-Buccleuch a substitui por Rio (33). Já Zilly escolhe uma palavra do alemão, *Residenz* (34), e adiciona uma nota ao final do livro explicando que o Rio de Janeiro era a capital do Brasil e que até 1889 era a residência imperial (208). A tradução para o inglês evidencia elementos estrangeiros, ao passo que o alemão busca trazer familiaridade ao leitor.

Em MA, 10 de abril, 1888, Machado de Assis associa a figura de Tiradentes à libertação dos escravizados. Nesse caso, Caldwell é a única dos tradutores a ficar em silêncio. Machado de Assis cita Tiradentes (36), que Caldwell (43) opta por traduzir como Tiradentes, apenas transcrevendo a palavra. Sua voz (ausente) de tradutora aparece pelo estranhamento que causa ao novo leitor. Tanto Scott-Buccleuch (nota de rodapé) quanto Zilly (nota de final de livro) transcrevem a palavra e adicionam uma nota para informar que Tiradentes foi um herói do movimento pela independência do Brasil.

Sobre o conteúdo da capa e da contracapa, as traduções incluem comentários da crítica e das editoras e evidenciam diferenças na tradução do título do romance. Para traduzir o título do romance, os 3 tradutores fazem opções diversas: *Memorial de Aires/Counselor Ayres' Memorial* [Memorial do Conselheiro Aires]/*The Wager/ Aires' Journal* [O apostador/ Diário de Aires] /*Tagebuch des Abschieds* [Diário de despedida] (respectivamente, Caldwell, Scott-Buccleuch e Zilly). Caldwell mantém o título e adiciona o pronome de tratamento Counselor (Conselheiro, que não está no título em português), ao passo que Scott-Buccleuch e Zilly oferecem uma interpretação do romance.

Scott-Buccleuch escolhe *The wager* (o apostador) para fazer referência à aposta entre os personagens Rita e Aires (invocando a obra *Fausto* de Goethe) sobre um novo casamento da viúva Fidélia. O tradutor ainda adiciona o subtítulo *Aires' Journal* (Diário de Aires). Zilly estende a interpretação do título para os temas universais abordados no romance/Diário (*Tagebuch*), como a despedida (*Abschied*), e acrescenta uma nota para esclarecer o novo leitor sobre as nuances da história (203).

Como mencionado, Zilly (2023), em seu livro sobre MA também discute a tradução do título do romance (86-92) e da palavra Conselheiro/Geheimrat (Conselheiro secreto) (152). Jackson também comenta sobre o título honorífico Conselheiro, seus usos e seus significados no Brasil e diz que o autor teria recusado o título oferecido pelo imperador (62)³. Assim sendo, enquanto Caldwell permanece mais alinhada à escolha de Machado de Assis, Scott-Buccleuch e Zilly optam por descrever e interpretar o título, dando pistas sobre o conteúdo do romance.

Machado de Assis também acrescentou duas epígrafes (cantigas medievais portuguesas de Johan Zorro e Dom Denis) ao romance, as quais sofreram modificações nas traduções. Caldwell e Zilly transcrevem as epígrafes e apresentam uma tradução para o inglês e o alemão, respectivamente. Zilly ainda adiciona nota de final de livro dando detalhes sobre os autores portugueses (208). Já Scott-Buccleuch é o único que omite essas epígrafes, o que acarreta grande prejuízo ao desenvolvimento e à compreensão da narrativa, uma vez que estas estão intrinsecamente relacionadas ao enredo do romance.

Nas 3 traduções, os comentários da crítica (*Kirkus Reviews*, *Nation*) e das editoras não fazem referência à tradução, exceto a de Caldwell (1982), que traz na contracapa uma breve referência: “freshly translated”/traduzida recentemente (*Chicago Tribune*). Essa atitude da crítica desmerece o fato de se tratar de uma obra traduzida, e não de texto originalmente produzido em inglês. Ficaria, pois, faltando um comentário da crítica do texto traduzido, que é o texto que o novo leitor efetivamente irá ler. A contracapa da edição de Scott-Buccleuch (1990) traz nomes de autores publicados pela editora Peter Owen. Já a edição de 2005 (Peter Owen e Dufours) da coleção clássicos modernos da editora Peter Owen (Peter Owen *Modern Classics*), menciona sobre o prestígio do autor e do romance no sistema literário brasileiro (uma das principais razões para um autor ser traduzido, conforme a teoria

³ Kenneth David Jackson. “Machado’s Counselor of the air.” *Venti Journal* 1: 2, 2020, p. 62-71. Original: In the nineteenth century, the title of Counselor was an honorific title bestowed on select intellectuals and members of the liberal professions, such as the jurist, writer, and diplomat Rui Barbosa de Oliveira, as well as the term for official members of the Councils of State. Although the emperor awarded the distinction liberally, Machado de Assis declined the title; however, he awarded it to one of his characters.”

dos polissistemas, Even-Zohar, 1990). V. S. Pritchett salienta que o autor é o maior romancista brasileiro e pode ser comparado a Stendhal ou Sterne. Susan Sontag destaca que Machado de Assis é o “melhor autor da América Latina”.

A contracapa da edição de Caldwell também traz a opinião de comentadores de críticas publicadas no contexto de chegada da obra traduzida que enaltecem Machado de Assis e seu MA. Assim como a tradução de Caldwell, a contracapa da edição 2005 (Scott-Buccleuch) também informa que o romance é uma tradução e cita o nome do tradutor, “*translated by R. Scott-Buccleuch*”, evidenciando, assim, que se trata de uma tradução. Há também uma fotografia de Machado de Assis, sua biografia bem como comentários sobre a vida profissional escritor. Destaca, ainda, que a obra literária de Machado de Assis inclui mais de 200 contos e 9 romances. Explicita, por fim, que o escritor foi um dos fundadores e primeiro presidente da ABL. Os comentários exaltam, de forma positiva, a vida e a obra do escritor brasileiro, mas nunca mencionam que se trata de um texto traduzido e de suas características.

Na última página da tradução para o alemão (e não no começo do livro, como é mais comum), que também traz as informações sobre os direitos autorais da tradução, o tradutor Zilly (2009) agradece a “gentil assistência” de 22 pessoas, que ele cita nominalmente (232). Esta página também menciona aspecto importante para a área dos estudos da tradução que se refere aos patrocinadores da tradução. As editoras das traduções para o inglês, uma universitária (University of California press, Berkeley, Los Angeles e Londres) e outras duas independentes (Peter Owen, Londres e Dufours, Chester Springs, Pensilvania) não mencionam nada sobre patrocinadores ou apoio. Os direitos autorais das 3 traduções (inglês e alemão) pertencem às editoras (e não aos tradutores, que são os autores do texto traduzido). O *designer* da capa é mencionado em duas das 3 traduções — Caldwell (Paul Davy, 1982) e Zilly (alemão, Horst Hussel, 2009). A tradução de Caldwell (página dos direitos autorais) é a única que menciona a edição do texto que serviu de texto de partida para a tradução.

Considerações finais

O texto traduzido e os peritextos elaborados pelos 3 tradutores e outros agentes para circular junto às traduções de *Memorial de Aires* (MA) no inglês (Estados Unidos e Inglaterra) e no alemão (Alemanha) tem a importante função de evidenciar as opiniões dos tradutores sobre Machado de Assis, sua obra e a cultura e a literatura brasileira, o que pode influenciar as perspectivas do novo leitor (inglês e alemão), conforme assinalado por Batchelor e Summers. As notas adicionadas ao texto traduzido por Scott-Buccleuch (inglês) e Zilly (alemão) funcionam como espaço de reflexão da tradução (Batchelor).

Zilly é o tradutor em maior evidência no que se refere às dificuldades de traduzir MA tanto em suas notas de final de livro, que acompanham o texto traduzido, quanto no seu posfácio. Além disso, Zilly aborda a tradução do referido romance em epitextos, como no posfácio da tradução que foi traduzido para o português e publicado em uma Revista sobre Estudos da Tradução, e no seu livro sobre *Memorial da Aires* (Zilly, 2023). São epitextos, publicados em espaço material externo ao texto traduzido, fazendo-lhe referência e prolongando-o (Frías-Vilariño, Freeth).

Os paratextos das três traduções de MA para o inglês e o alemão constituem um aparato didático-pedagógico que contextualiza o novo leitor no tempo e no espaço. As diferenças de edição do romance de Machado de Assis revelam as práticas editoriais e as preferências dos tradutores e das editoras e de outros agentes que participam da formulação e apresentação da tradução para o novo leitor em 3 sistemas literários. Essas escolhas revelam estratégias dos tradutores e os critérios políticos e culturais e econômicos envolvidos no processo e disseminação das traduções. Esses elementos podem contribuir para fomentar e promover a divulgação e a consequente leitura e melhor compreensão de MA de Machado de Assis nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha (Lefevere).

Os diferentes agentes e, principalmente, os 3 tradutores, com a tradução do romance e os paratextos, contribuem sobremaneira para complementar o texto de partida de Machado de Assis para o leitor de inglês e de alemão, auxiliando-o na leitura e na compreensão mais apurada do texto traduzido. Machado de Assis, por fim, segue desbravando novas avenidas, internacionais, assim como ele tanto queria, passando a integrar o sistema de literatura traduzida de diferentes países em diversas formulações.

Válmi Hatje-Faggion é Professora Titular na área de Estudos da Tradução na Universidade de Brasília. Bolsista Pesquisadora da FAP/DF e Líder do Grupo de Pesquisa CNPq/UnB, Estudos de Tradução (2006-). As publicações incluem: *Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa: seis romances em múltiplas traduções* (Pontes, 2015) e *Tradução e cultura* (7Letras, 2011). Recebeu o prêmio “Amos Distinguished Chair Awards” da State University of Georgia, Estados Unidos (2023, SAMLA95), pela pesquisa sobre Machado de Assis traduzido para o inglês. Foi Visiting scholar na University of Leeds, na Yale University, e na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg.

Obras Citadas

Machado de Assis, Joaquim Maria. “Memorial de Aires”. In: Joaquim Mariaa Machado de Assis. *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1994. <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>

_____. *Counselor Ayres' Memorial*. Tradução de Helen Caldwell. Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1982 [1972].

_____. *The Wager: Aires' Journal*. Tradução de R. L. Scott-Buccleuch. London, Peter Owen, 1990.

_____. *The Wager: Aires' Journal*. Tradução de R. L. Scott-Buccleuch. London, UK; Chester Springs, US, Peter Owen e Dufours, 2005.

_____. *Tagebuch des Abschieds*. Tradução de Berthold Zilly. Berlin, Friedenauer Presse, 2009.

Batchelor, Kathryn. “Genette’s concept of the paratext and its development across disciplines.” In: Kathryn Batchelor. *Translation and paratexts*. New York, Routledge, 2018, p. 5-73.

Caldwell, Helen. “Translator’s Introduction.” In: J. M. Machado de Assis, *Counselor Ayres' Memorial*. Tradução de Helen Caldwell. Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1982, p. v-ix.

Even-Zohar, Itamar. “Polysystem Theory”. *Poetics Today*, 11: 1, 1990, p. 9-96.

Freeth, Peter J. ““Yes, I translated it!”: Visibility and the performance of translatorship in the digital paratextual space”. In: Peter J Freeth, Rafael Trevino. *Beyond the translator’s invisibility: critical reflections and new perspectives*. Bélgica, Leuven University press, 2025, p. 147-172.

Frías, José Yuste, Vilariño, Xoan Manuel Garrido (orgs). *Traducción & Paratraducción. Líneas de investigación*. Berlin, Peter Lang, 2022.

Genette, Gerard. *Paratexts*. Cambridge, CUP, 1997.

Guimarães, Mayara. “Habitar a língua do outro é acolher a palavra do estrangeiro: a tradução de *Memorial de Aires* para o alemão”. In: Luana F Freitas, Marie C Torres, Walter C Costa (orgs.). *Literatura traduzida: Antologias, coletâneas e coleções*. Fortaleza, Substância, 2018, vol. 4, p. 72-85.

Hatje-Faggion, Válmi. *Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa – seis romances em múltiplas traduções*. São Paulo, Pontes, 2015.

_____. “Tradutores de Machado de Assis: vozes na História da Tradução.” *Belas Infieis* 6: 2, 2017, p. 53-70.

_____. “Entrevista com Berthold Zilly”. As traduções de romances de Machado de Assis. Entrevistadora: Válmi Hatje-Faggion. New Haven, Estados Unidos. 2023. Microsoft TEAMS (2h30min). 19 de agosto de 2023.

_____. “Práticas editoriais e os estudos da tradução: os romances de Machado de Assis publicados em inglês pela editora Oxford University Press.” In: Lúcia Granja, Juracy A Saraiva, Regina Zilberman (Orgs.). *Machado de Assis: o autor, o leitor, o crítico*. São Paulo, Alameda, 2023. p. 217-242.

_____. “Traduções de obras de J. M. Machado de Assis em língua inglesa – vozes no itinerário internacional.” In: Sonia Netto Salomão (org.) *Machado de Assis: a complexidade de um clássico*. Roma, Sapienza Università editrice, 2024. p. 373-384.

Hermans, Theo. “The translator’s voice in translated narrative.” *Target* 8:1, 1996, p. 23-48.

Humboldt, Wilhelm von. “From the introduction to his translation of Agamemnon.” Tradução de Sharon Sloan. In: Rainer Schulte, John Biguinet (ed.) *Translation Theories of Translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago, The University of Chicago press, 1992, p. 55-59.

Jackson, Kenneth David. “Machado’s Counselor of the air.” *Venti Journal* 1: 2, 2020. p. 62-71.

Lefevere, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. Londres, Routledge, 1992.

Munday, Jeremy. “Using primary sources to produce a microhistory of translation and translators: Theoretical and methodological concerns.” *Translator* 20: 1, 2014, p. 64-80.

Scott-Buccleuch. R. L. “Introduction.” In: J. M. Machado de Assis. *The Wager*. Tradução de Scott-Buccleuch. London, Peter Owen Publishers, 1990, p. 5-9.

Summers, Caroline. “What remains: the institutional reframing of authorship in translated peritexts.” In: Valerie Pellatt (org). *Text, extratext, metatext and paratext in translation*. Newcastle, Cambridge Scholar Publishing, 2013. p. 9-39.

Sträter, Thomas. “Miséria e esplendor dos glossários nas traduções da literatura brasileira para o alemão.” *Santa Barbara Portuguese Studies Journal* 3, 2019, p.1-17.

Schossler, Andre. <https://www.dw.com/pt-br/no-centenário-da-morte-de-machado-memorial-de-aires-ganha-tradução-para-o-alemão/a-3677077>

Zilly, Berthold. “Ein Nostalgischer Spoetter.” In: J. M. Machado de Assis. *Tagebuch des Abschieds* [Memorial de Aires]. Tradução de Berthold Zilly. Berlin, Friedenauer, 2009. p. 220-231.

_____. Anmerkungen/[Notas]. In: J. M. Machado de Assis. *Tagebuch des Abschieds* [*Memorial de Aires*]. Tradução de Berthold Zilly. Berlin, Friedenauer, 2009, p. 203-219.

_____. Pós-fácio “Ein Nostalgischer Spoetter: Um galhofeiro nostálgico”. Tradução de Simone Homem de Mello. *Scientia Translationis* 14, 2013, p. 247-266.

_____. *Entre galhofa e saudades: à procura da convivialidade. Machado de Assis à luz de seu último romance*. Brasília, FUNAG, 2023.